



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

ELI REGINA DA SILVA

A SOCIEDADE E SEUS ESTIGMAS: HISTÓRIAS DE PRECONCEITOS E
SILENCIAMENTO

CARAÚBAS – RN

2021

ELI REGINA DA SILVA

A SOCIEDADE E SEUS ESTIGMAS: HISTÓRIAS DE PRECONCEITO E
SILENCIAMENTO

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Licenciado em
Letras Libras.

Orientadora: Profa. Me. Isabelle Pinheiro
Fagundes.

CARAÚBAS - RN

2021

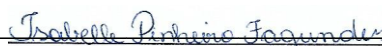
ELI REGINA DA SILVA

**A SOCIEDADE E SEUS ESTIGMAS: HISTÓRIAS DE PRECONCEITOS E
SILENCIAMENTOS**

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como exigência
parcial para obtenção do título de Licenciatura
em Letras Libras.

Aprovada em: 27 / 05 / 2021

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Me. Isabelle Pinheiro Fagundes
Orientadora – UFERSA


MARIANE LINHARES – UFERSA
1º Examinador


MARIA GHISLENY DE PAIVA BRASIL – UFERSA
2º Examinador


Gabrielle Leite dos Santos
UFERSA – Docente
Mat.: 2403558
GABRIELLE LEITE DOS SANTOS – UFERSA
3º Examinadora

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

SSILV	SILVA, ELI REGINA DA SILVA.
A	A SOCIEDADE E SEUS ESTGMAS:HISTÓRIAS DE
469s	PRECONCEITO E SILENCIAMENTO / ELI REGINA DA SILVA
	SILVA. - 2021.
	46 f.: il.
	 Orientador: ISABELLE PINHEIRO FAGUNDES PINHEIRO
	FAGUNDES.
	Monografia (graduação) - Universidade Federal
	Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Libras,
	2021.
	 1. PESQUISA AUTO-BIOGRÁFICA:SILENCIAMENTO... 2.
	DISCRIMINAÇÃO.O PROFISSIONAL GARI. I. PINHEIRO
	FAGUNDES, ISABELLE PINHEIRO FAGUNDES, orient. II.
	Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar agradecendo a meu **DEUS** todo poderoso, sem Ele não teria chegado até aqui. Obrigado meu DEUS por ter me dado saúde, sabedoria, por esses cinco anos e longos dias de faculdade, num momento tão singular da minha vida.

Agradeço a minha mãe **Antônia Celina** e a meu pai **Raimundo Apolônio** (in memoria) antes da sua partida me deixou alguns grandes ensinamentos, daqueles que não adquirimos em uma faculdade. Mãe por tanto ter me ensinado, apoiado essa minha caminhada, obrigado por todas e tantas orações de proteção, por minhas idas e vindas, para UFERSA, como a senhora dizia “não vejo a hora minha filha dessa sua faculdade acabar”. Mãe falava dessa forma com medo de assalto e acidente no ônibus o qual me levava todas as noites pra faculdade. Graças a **DEUS** mãe, está no fim com a ajuda de **DEUS** e das nossas orações, nem um mal aconteceu comigo.

Obrigado minhas irmãs, **Maria Alessandra, Rita Apolônia, Delma Apolônia, José Wilson** (in memoria) mesmo não estando entre nós, sinto uma imensa gratidão por todos ensinamentos, levarei você dentro do meu coração, até o meu último dia aqui na terra, irmãs, obrigada por todo apoio incentivos e ludicidade, com que lidaram com a minha ausência, vocês foram e sempre serão fundamentais na minha vida, assim como foram na minha formação.

Agradeço a meu marido **Gutemberg Marcelo**, por toda paciência e compreensão que teve comigo durante todo esse tempo, obrigada por entende tantas ausências. A meu filho **Gian Eliemberg**, que tanto amo, como sou grata á Deus por ter me presenteado com você, obrigado filho por entender muitos momentos de ausências, que não pode estar ao seu lado fisicamente. obrigada por todos os cuidados que você teve comigo, por muitas

noites me esperando na porta, até eu pisar na calçada da nossa casa, nunca vou esquecer, quando seu pai não estava você que exercia o papel de me esperar.

A minha professora Mestre e orientadora, **Isabelle Pinheiros Fagundes**, meu muitíssimo obrigada, por sua presença constante, suave, firme, disponível, acreditando no meu projeto e na minha pesquisa, até a concretização desse estudo, muito obrigada. Sou privilegiada de ter tido você como professora e orientadora, você é um ser de luz que veio para contagiar todos com sua presença e luz que trasborda.

Não poderia de deixar de citar as minhas sobrinhas **Rita de cássia, em especial Alicy Denise**, obrigada por estar comigo nos meus momentos de angustia e aflição que não foram poucos.

Quero agradecer minhas amigas e parceiras de vida, **Ana Lucia, Maria Gescileuda, Maria de Fatima**, por estarem e permanecerem comigo na minha jornada educacional/acadêmica, nos pequenos e grandes surtos e indecisões. Pela aprendizagem que tive e tenho com elas, pelo conhecimento construído, debates e frustrações, por serem minhas cúmplices nas aventuras, alegrias e realizações.

Agradeço ao colaborador, o trabalhador gari e também formado em administração, pela boa vontade e disponibilidade, por repartir suas vivências que tornarem esta pesquisa possível. Quero agradecer a todos os professores que fez parte da construção do meu conhecimento e da minha vida acadêmica, cada funcionário da UFERSA.

Minha gratidão e respeito também para os professores que aceitaram participar da minha banca de trabalho de conclusão de curso, professora Mestre **Gabrielle Leite dos Santos**, a professora Mestre **Mariane Linhares da Silva** e a Professora Doutora **Maria Ghisleny de Paiva Brasil**.

Minha gratidão!

RESUMO

Este estudo tem como objetivo identificar quais experiências marcaram e/ou marcam profissionais que são silenciados pelo preconceito social. A escolha desse tema se deu devido ao fato da pesquisadora ser gari, como também, dar visibilidade e importância a este serviço e seus profissionais em um contexto social. Outra motivação foi o interesse em conhecer a percepção dos profissionais quanto ao sentido de trabalho que executam, nos âmbitos individual, organizacional e social a pesar da importância na sociedade, eles se sentem silenciados, porque a sociedade tem preconceitos com a profissão do gari. O referencial teórico abordou os temas: comparativos discriminatórios na sociedade contemporânea; reflexões sobre lixo e cidadania; gari, atividade insalubre em grau máximo. Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo (MINAYO, 2001), realizada com profissionais da limpeza urbana da cidade de Campo Grande/RN, a partir dos princípios teóricos das narrativas (auto)biográfica (PASSEGGI 2011). A constituição do *corpus* é fruto da entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH E BAUER 2002) com um colaborador que trabalha como gari, mas apesar das adversidades e preconceitos inerentes a profissão não desistiu de sonhar com um nível superior e graduou-se em Administração pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). De acordo com a análise o que enfatiza ainda que no âmbito da disputa política, cultural. O que enfatiza a importância de pesquisas como essa que divulguem a importância e ombridade da profissão, e das pessoas que compreendem esse dever social.

Pesquisa auto-biográfica: Silenciamento. Discriminação. O Profissional Gari.

ABSTRACT

This study aims to identify which experiences marked and / or mark professionals who are silenced by social prejudice. The choice of this theme was due to the fact that one of the researchers is a street sweeper, as well as giving visibility and importance to this service and its professionals in a social context. Another motivation was the interest in knowing the perception of the professionals regarding the sense of work they perform, in the individual, organizational and social spheres, despite the importance in society, because they feel silenced, because society has prejudices against the profession of the street sweeper. The theoretical framework addressed the themes: Comparative discrimination in contemporary society; reflections on garbage and citizenship; street sweeper, unhealthy activity to a maximum degree. A qualitative research (MINAYO, 2001), carried out with urban cleaning professionals in the city of Campo Grande / RN, based on the theoretical principles of the (auto) biographical narratives (PASSEGGI 2011). The constitution of the corpus is the result of a narrative interview (JOVCHELOVITCH AND BAUER 2002) with a collaborator who works as a street sweeper, but despite the adversities and prejudices inherent in the profession, he did not give up dreaming of a higher education and graduated in Administration from the State University Rio Grande do Norte (UERN). According to the analysis, it is noted that social humiliation is part of the daily routine of street sweepers.

Auto-biographical Research: Silence. Discrimination. The Professional Gari.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. NARRAR PARA TRASFORMAR, NARRAR PARA RESSINGNIFICA, NARRA PARA NÃO ESQUECER	13
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	19
3.1 PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO.....	19
3.2 METODO (AUTO)BIOGRÁFICO.....	20
3.3 COLABORADOR DA PESQUISA.....	21
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	21
4. REFLEXÕES SOBRE LIXO E CIDADANIA	23
5. GARI, ATIVIDADE INSALUBRE EM GRAU MÁXIMO	24
6. COMPARATIVOS DISCRIMINATÓRIOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA Error! Bookmark not defined.	
7. DISCRIMINAÇÃO NA CLASSE DE TRABALHO	36
8. CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE	

1. INTRODUÇÃO

O trabalho configura-se como uma das principais dimensões da vida do homem. Trabalho também influencia na sua inserção na sociedade, delimita espaços de mobilidade social e aparece como um dos fatores constitutivos da identidade e identificação dos indivíduos, interferindo tanto no sentido da sua valorização, inserção na sociedade e autorrealização quanto no sentido de sua desvalorização, podendo, neste caso, contribuir para sua exclusão social.

O trabalho de gari é voltado para limpeza urbana, como: coletar lixo, capinação, varrição, limpeza de esgotos, pinturas, varrição de vias públicas. A atividade do gari, apesar da grande relevância para a sociedade em geral, tende a ser vista como um trabalho menor, sendo estes profissionais deixados em segundo plano na estrutura social.

Tais indivíduos estão sujeitos a preconceitos e a um fenômeno denominado invisibilidade social ou invisibilidade pública, relacionado ao desaparecimento psicossocial de um homem perante seus semelhantes. Tal fenômeno, segundo Costa (2002, 2004), é tipicamente mais comum entre as profissões de classes pobres. Diante dessa realidade, almejou-se verificar como os garis percebem sua atividade, buscando compreender o imaginário social acerca do trabalho que desenvolvem, a partir das representações sociais que apresentam. Isto é como esses profissionais se sentem diante do preconceito da sociedade, de que maneira eles notam, o silenciamento social na presença da comunidade mais ampla.

Este fato corrobora a afirmativa de Ferreira e Anjos (2001) de que, apesar do reconhecimento da importância do tema, são poucos os centros de pesquisa (Brasil e América Latina) que o estudam, dentre outros aspectos, pela pouca atenção dada à saúde em geral, pelo poder público, e que repercute no trato com os resíduos sólidos, como também por não o associarem à saúde coletiva.

Desse modo, o trabalho não é uma atividade dentre tantas outras, na medida em que se diferencia pela centralidade que ocupa na vida do sujeito, adquirindo uma função psicológica. Segundo Freitas (2000), o trabalho é uma grande fonte de referência para a construção social dos homens e de sua autoestima. O autor ainda destaca que o trabalho representa a possibilidade de o homem crescer e realizar-se pessoalmente; ou seja, construir a si mesmo como ser, como indivíduo. Nessa concepção, o trabalho significa mais do que uma ocupação ou um ato de servir; também oportuniza o desenvolvimento e

o preenchimento da vida do homem. Considerando que todo e qualquer trabalho é composto e compõe contextos sociais, faz-se importante refletir sobre o conceito de preconceito nas classes de trabalho consideradas rebaixadas na sociedade.

Nesta pesquisa abordaremos sobre o preconceito e silenciamento, que esses profissionais da limpeza pública, de Campo Grande RN, enfrentam diariamente na execução de seus labores. De certa forma esses trabalhadores também se sentem como uma profissão excluída e invisibilizada perante a sociedade vigente.

O estudo da pesquisa. A Sociedade e seus Estigmas: Histórias de Preconceito e Silenciamento, se dá pela relevância social da atividade executada dos garis, pois se refere a um serviço essencial ligado à saúde e ao bem-estar da população. Trata-se, entretanto, de uma atividade considerada insalubre, na forma da legislação vigente, pela exposição dos sujeitos expostos ao preconceito bem como o silenciamento, do trabalhador envolvido e da coletividade, também por ser realizada de forma contínua. Apesar da sua importância social, a atividade é para muitos considerada, indigna, inferior e suja (BORGES; MOURÃO, 2013).

A partir das narrativas (auto)biográficas iremos conhecer a história de indivíduos que moram em uma cidade do interior Rio Grande do Norte, que trabalham na secretaria de obras do município de Campo Grande. Utilizaremos sua história para contarmos a realidade do grupo social, pois corroboramos com Ferrarotti (2010), quando afirma que as narrativas (auto)biográficas nos permitem ler o social a partir do individual, devido à compreensão que ela gera nos indivíduos que participam de todo o processo. (FERRAROTTI, 2010), e isto sugere um “olhar “mais profundo na perspectiva acadêmica, social e gerencial que as executam.

Nesse sentido, pesquisas como esta tornam-se pertinentes para a compreensão do trabalho desenvolvido pelos garis, assim como para subsidiar políticas públicas que possam impactar diretamente na valorização e nas melhorias das condições de trabalho dos profissionais. Espera-se, portanto, que os resultados encontrados possam relevar o sentido do trabalho dos garis. Para que a sociedade em geral, que precisa ser informada para deixar de preconceito.

Essa pesquisa nos possibilitou tentar entender como esses indivíduos, se sentem diante de tantas aluições de preconceitos, de certa forma os colaboradores transcreveram suas indagações diante de sua experiência e futuras expectativas, que certamente só quem vive tais renúncias são capaz de imaginar, sentir, interpelar tamanha indagações, esses

silenciamento que na verdade não param de gritar, e nunca quer calar diante de tantas arbitrariedades.

2. NARRAR PARA TRANSFORMAR, NARRAR PARA RESSIGNIFICAR, NARRAR PARA NÃO ESQUECER

Narrar sobre si mesma para mim, não é uma tarefa fácil, é Deus que pinta os meus dias e escreve a minha história, nem sempre posso entender o que acontece, mas eu tenho a certeza de que tudo é permissão de Deus para o meu melhor. E se eu chorar, usarei as lágrimas para lavar a alma. E se eu sorrir, usarei o sorriso para iluminar o coração. Com a fé que eu tenho, eu posso realizar todos meus sonhos.

Minha história não é diferente de muitas que conhecemos, sou filha de um casal que tiveram oito filhos, infelizmente morreram três ainda com poucas horas de vida. Graças a Deus meus pais tiveram uma vida em união, dessa forma conseguiram criar os cinco filhos que permaneceram vivos. Sou a caçula, nasci em 21 de fevereiro de 1982, zona rural em um sítio de nome Boqueirão, na cidade de Campo Grande, no interior do Rio Grande Do Norte. Campo Grande fica a 281 km da nossa capital, Natal. Assim, somos quatro mulheres e um homem (*em memória*). Sou casada tenho um filhinho (é assim como o chamo) com dezesseis anos.

A vida dos meus pais não foi fácil, ambos nasceram em família de agricultores, viviam da agricultura, minha mãe sempre ajudou a meu pai para que não faltasse o pão de cada dia, mesmo assim, meus irmãos que nasceram antes de mim passaram por tempo de muita escassez. Minha mãe até hoje narra aqueles dias difíceis. Na década de quarenta as coisas não eram fáceis para quem vivia da agricultura e de favores de determinados fazendeiros. Até os dias de hoje, mãe faz questão de nos lembrar àqueles tempos de dificuldades.

Quando eu tinha cinco meses de vida meus pais decidiram abandonar a zona rural e vir para a cidade, para procurarem melhores condições de vida, chegando à Campo Grande as coisas foram melhorando aos poucos, logo meu pai conseguiu um trabalho em uma firma, esse era o termo usado na época, e mãe começou a trabalhar em casa de famílias aqui na cidade, enquanto isso minha irmã a mais velha cuidava da gente com a ajuda da nossa tia Damiana.

Foi assim que meus pais conseguiram nos criar, infelizmente eles não tiveram a oportunidade de estudar. Meu pai em algumas de suas conversas conosco, sempre falava

que só tinha estudado 15 dias, e escrevia em um papel de embrulho, o que eu achava mais impressionante é que ele sabia matemática perfeitamente, e em relação a escrita, era algo muito básico, ele escrevia de um modo que a gente entendia. A força de vontade que ele tinha para aprender era maravilhosa, meu pai era muito inteligente, já minha mãe, nem essa oportunidade de quinze dias ela teve, alguns anos atrás ela quis aprender pelo menos a fazer o próprio nome, hoje ela escreve o nome dela bem direitinho.

Para tristeza da minha família em 1999 meu pai veio a falecer, vítima de um infarto, momento muito difícil, meu mundo desabou naquele momento, fiquei sem chão, sem ação, sem saber como ficaria a minha mãe e também meus irmãos. Eu sabia que naquele momento a responsabilidade de mãe ficaria maior, também a parti daquele acontecimento o meu único irmão seria nosso porto seguro, ele seria a base masculina que teríamos para o futuro.

Apesar de meu pai ter partido cedo, agradeço a Deus por ter me dado de presente meu pai e minha mãe. Agradeço a eles por terem me proporcionado a minha maior riqueza, minha educação, ela não veio diretamente de uma escola, ela veio de um casal que não tinha bens materiais para me oferecer, eles me deram a maior riqueza que um ser humano nessa vida pode ter, respeito e amor pelo próximo. Não tenho o que reclamar da minha infância, ela foi marcada por coisas boas, de uma família sempre unida, sempre fui agraciada, abençoada e cercada de amor.

Sempre estudei em escolas públicas, e dessas escolas as quais passei tenho muitas lembranças boas, de bons professores que até hoje são guardados no meu coração. Depois que terminei o ensino médio, acho que uns cinco anos depois, resolvi fazer meu primeiro Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para minha decepção não consegui atingir a pontuação necessária para ingressar em uma faculdade. Fiquei triste, chorei, mas eu sabia que ainda não era minha vez, meu irmão (*im memoriam*) em algumas de nossas conversas ele me falava “tudo é no tempo de Deus. Ele sabe que você ainda não está preparada para o tempo Dele. Tudo vai dar certo! Você vai conseguir! ”

Em 2014 haveria o concurso público daqui de Campo Grande, nesse mesmo ano eu trabalhava em uma escola, no programa Federal intitulado Mais Educação, porém não era uma estabilidade para mim. Na verdade, eu queria ficar em uma profissão que me garantisse uma estabilidade financeira. Então, saiu o edital do concurso, quando eu li percebi logo que a maioria das vagas era para gari com 26, naquele momento eu pensei vou optar por gari, primeiro a população em geral tem uma enorme vergonha e

preconceito dessa profissão, além de se tratar de um concurso que seria muito concorrido até para gari.

Chegando em casa falei com meu marido ele falou: é isso mesmo que você quer? Então faça! Em seguida comuniquei a mãe e a meu irmão, de cara mãe não queria justamente por esse preconceito, na verdade ela queria ver eu formada, e não varrendo ruas, minhas irmãs aceitaram parcialmente, até riram de mim, já meu irmão me apoiou totalmente. Fiz o concurso e também o meu segundo ENEM. Em novembro de 2014, à tarde, lembro-me como se fosse hoje, foi o dia da prova do concurso da prefeitura.

Depois do dia do concurso, eu ficava acompanhando as convocações pelo site da prefeitura, em uma tarde, quando eu abri meu e-mail estava lá, a minha convocação para assumir o cargo de gari, confesso que foi uma alegria muito grande para mim, eu tinha conseguido a estabilidade financeira que tanto queria.

Em seguida foi correndo avisar a minha família, depois de alguns dias saiu a nota do ENEM, consegui atingir a pontuação para entrar na universidade. Foram duas alegrias imensas que Deus me deu, Ele sabia que naquele momento eu teria estabilidade financeira para poder me manter na faculdade. A notícia que eu iria começar a estudar em uma faculdade federal, fez mamãe muito feliz, muito feliz mesmo, era o que ela realmente queria ver a primeira, talvez a única, filha a ter uma graduação, única da família (até agora).

Sobre a escolha do curso de Letras Libras foi eu que o escolhi, eu nunca tinha tido contato com surdo. Até então, só tinha visto pela televisão, eu achava uma coisa linda, maravilhosa e ficava pensando como possível se comunicar com as mãos. Ainda lembro do meu primeiro dia de aula, parecia que eu estava em outro universo, muito diferente daquele que vivia, não conseguia entender nada. Mas ao mesmo tempo eu ficava babando na sinalização do professor durante a aula. Não foi fácil, continua não sendo fácil, ingressar em uma faculdade federal em um curso de Letras Libras, foi uma superação, na verdade, vai ser assim que eu conseguir concluir o curso.

Ainda sobre o início da minha graduação, eu estava cursando o segundo período, quando minha família e eu recebemos uma triste notícia, meu único irmão foi diagnosticado com câncer. Essa notícia nos abalou profundamente, mexeu com minha estrutura psicológica, ele era para mim como um pai, irmão, amigo e meu amparo nas horas difíceis da vida.

No momento da notícia eu não sabia o que fazer, só chorei e pedi a Deus que o curasse daquela doença terrível. Sabíamos que o tipo de câncer dele era muito agressivo,

nesse momento eu pensei em trancar o curso, pois não me achava capaz de continuar. Mesmo doente, ele me deu forças, me aconselhando, lembro-me dele ter dito: você não pode desistir Deus lhe deu a oportunidade, então agarre, não desista você ainda tem uma longa e linda vitória lá na frente, eu vou ficar bem!

A fé dele na cura era enorme mais a vontade de Deus era levar ele para morar no céu. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, infelizmente ele estava pronto para partir, essa eram as palavras que ele usava. Agora dia 19 de setembro de 2021 irá fazer seis anos da partida dele. Nunca irei esquecer do ser humano iluminado que ele era, ainda dói muito, não desisti do curso por ele e por minha família, eles são minha âncora, meu lugar de segurança.

Não tem sido fácil para mim continuar e conciliar trabalho, faculdade e responsabilidade de casa. Quando eu pagava a disciplina de psicologia da educação à tarde, meu filho só me via praticamente no outro dia, porque eu saía às 4h30 da manhã para trabalhar, quando eu chegava do serviço meu filho estava na escola, quando ele chegava eu já tinha saído para a UFERSA, por que o ônibus saía de 11:45 pra Caraúbas, por muitas vezes ele falava mãe a senhora ainda vai pagar outra disciplina a tarde? Mãe a senhora só vai chegar às 23h00?

Essas interrogações dele me motivavam, também quero que sirva de motivação para ele, que cada dificuldade sirva de esperança por dias melhores, durante esse tempo na universidade tive que renunciar muitas coisas, dessas muitas fui criticada, mas não ligo muito para as críticas que não seja construtiva para mim. Renunciei e renunciaria tudo de novo para ver o sonho da minha família realizada, esse sonho de me ver formada é mais deles do que meu.

Analisando hoje tudo isso, não consigo explicar como cheguei até aqui. O que sei é que Deus é o Deus dos impossíveis e esteve e está presente em todos os meus momentos. Isso é visível desde o meu ingresso na academia. O apoio da família e alguns amigos foi fundamental. Não só o apoio moral, mas a ajuda concreta de todos, inclusive de alguns professores.

Os direcionamentos dos professores da academia me despertaram para um olhar mais abrangente de mundo, me fazendo sair do egocentrismo em que me encontrava, no qual enxergava apenas “meu mundinho” que se estendia a mim, minha família e tudo o que se relacionava a nós. Minha preocupação estava voltada exclusivamente para a subsistência. Vivía para o trabalho e para o lar, em um mundo fechado, limitado e sem expectativas de futuro.

O acesso ao conhecimento fez de mim uma pessoa mais confiante, determinada, compreensiva, tolerante, sensata. Trouxe-me uma maturidade responsável, na qual é considerado não apenas o “eu”, mas o “todo”. Não apenas o ato, mas as consequências dos atos.

É por esse motivo que falo que a Libras mudou minha vida. A vida de um universitário não é apenas uma oportunidade para aprender uma profissão ou uma língua, ela também consolida uma transição de conhecimentos, além do conhecimento técnico, uma transformação ao longo do curso, desenvolvendo novos olhares sobre às inúmeras situações do cotidiano.

Ressalto que continuo seguindo com minha profissão de gari, falo declaradamente que não tenho vergonha de exercer minha profissão, pelo contrário, tenho vergonha das pessoas que tem preconceito com minha profissão. Não me arrependo da minha escolha no que diz respeito a profissão, o dinheiro que ganho com meu trabalho é honesto assim como de outras profissões existente no mercado de trabalho, sei que o preconceito é muito presente no dia a dia, mas continuo de cabeça erguida, meu diploma servirá para mostrar as pessoas hipócritas e insensatas da sociedade, que diz a profissão de GARI É PARA QUEM NÃO ESTUDOU E NEM QUIS ESTUDAR.

A Libras também me oportunizou ser um canal comunicativo entre ouvintes e surdos, assim como ter o compromisso comigo mesma, e com o outro afim de incluir o surdo não só na esfera educacional, mas também em todos os locais sociais. Hoje, graças a Deus e a Libras eu posso ensinar a filha do meu sobrinho com apenas 1ano e 4 meses, alguns sinais como cachorro, gato e cavalo, me derreto toda de amor quando vejo Lavínia, minha pequenina Lalazinha, sinalizando sou muito grata mesmo.

A batalha por essa conquista até chegar aqui, foi travada por todos os que me cercam, que de forma positiva sempre me auxiliaram, me incentivaram, construíram junto comigo. As vezes pareciam ser empecilhos, mas fizeram nascer e desenvolver em mim, o desejo e a necessidade de superação dos obstáculos. Dessa forma, todos contribuíram para o meu crescimento, fazendo de mim um ser humano menos frágil, mais reflexivo e com uma visão de mundo menos egoísta e mais abrangente.

O processo da vida se opera em tentativas sucessivas de libertação. Estamos todos os dias renovando, na criatura que fomos na véspera, a criatura que seremos no amanhã. Mais do que renovando-a: refazendo-a, porque não tornamos ser jamais o que fomos [...]. (MEIRELES, 2001)

Entendemos que o processo dos indivíduos é algo gradual, não encontramos prontos, isso acontece através de um processo transformador e contínuo. A cada dia iremos nos transformar de maneiras diversas.

Ao analisar minha trajetória de vida, pude verificar os avanços que a universidade me proporcionou, das quais considero como a mais importante, a ampliação da minha “visão da vida”. Essa nova forma de ver o mundo, que não é algo pronto, é um processo, e como tal, é gradual, contínuo e exige muita análise e reflexão, é uma releitura do observado sob diversos pontos de vista. É um olhar plural. É se colocar no lugar do outro para uma melhor compreensão de atitudes, valores e culturas (o povo surdo me encanta).

Para a realização dessa minha narrativa, precisei rememorar minhas vivências, dificuldades, superações, perdas, renúncias, decepções, surpresas e também muitos bons momentos. Essas recordações fizeram-me reviver as dificuldades enfrentadas na minha caminhada de cinco anos, que foram tantas e tão intensas que passei a me fazer certas indagações: até que ponto vale a pena um ser humano enfrentar tantas dificuldades, alguns sofrimentos para concluir o Ensino Superior? Que motivações fazem um sujeito superar tantas dificuldades? O que me fez NÃO DESISTIR?

Essas indagações permaneceram em minha mente durante toda a realização do primeiro momento desse trabalho. Passei a buscar essas respostas e cheguei à conclusão que uma das causas de eu não ter desistido foi a minha âncora familiar. Nunca havia avaliado. Só tinha em mente que eu precisava aproveitar a oportunidade que a vida me oferecia e realizar um sonho que era mais da minha família do que meu, porque eu sequer ousava em sonhar tão alto. Claro que eu usufruía das honras de ser uma universitária, principalmente da “FEDERAL”. Mas, apenas satisfazer os anseios da minha mãe e da minha família, era muito pouco para tanto cansaço mental e físico.

Fui então orientada a analisar minha trajetória focando, as dificuldades e as contribuições que academia trouxe para a minha vida. Comparar e analisar o antes e o depois. O que modificou em mim enquanto pessoa, profissional, mãe, esposa, filha, cidadã. Tudo isso falava de valores, posturas, consciências.

Essa orientação, essa mediação foi o diferencial. Esse direcionamento me fez enxergar que, sem exagero nenhum, a universidade mudou a minha vida. E o que antes eu não conseguia visualizar, agora é muito nítido. A universidade foi uma descoberta surpreendente e maravilhosa. Incrível como as dificuldades conseguiram camuflar algo tão grandioso. Após esse reconhecimento, as dificuldades se tornaram tão insignificantes.

Compreendemos a partir de Freire (1987, p. 29), que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Que é na interação que nós formamos e nos transformamos desde que estejamos abertos e livres para sermos impactados pelas ideias e sentimentos do outro e, igualmente, impactá-los com as nossas ideias e sentimentos, num processo que se propõe ao exercício pleno da comunicação.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Aqui trataremos de uma parte complexa do trabalho e que requer uma maior atenção enquanto pesquisadora. Segundo Minayo (2001) a metodologia não só contempla a fase de exploração de campo (escolha de espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimentos dos critérios de amostragem e construção de estratégias para entrada em campo) como a definição de instrumentos e procedimentos para a análise de dados.

Eu própria enquanto gari e pesquisadora, estando atuando diariamente com a profissão de gari, assim como a história de Pedro, tenho e devo sim, defender meu pensamento enquanto trabalhadora e pesquisadora. Essas histórias vêm abrindo caminhos para revelar inquietações. Minha escolha pela profissão de gari, jamais poderia me omitir de revelar tantas evidências.

3.1 PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

Nossa pesquisa é de cunho qualitativo porque não está preocupada com questões numéricas, mas, sim, com a compreensão de como se dá os fundamentos conceituais do preconceito, assim como as implicações de discriminação social em relação a categoria de trabalho dos sujeitos gari. Acreditamos que seja uma escolha consentânea para compreender qual a significação que esses sujeitos se sentem na sociedade contemporânea.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não

podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 2001, pag. 21).

As pesquisas qualitativas nos possibilitaram buscar significados e vivências, visando cada particularidades dos sujeitos envolvidos.

Em suma nossa pesquisa não visa quantificar nada, mas refletir sobre a discriminação e preconceito da profissão do gari, fazer uma reflexão sobre uma realidade latente que nos cerca e que por muitas vezes a ignoramos. Mesmo que nossa discussão gire entorno da profissão de gari, é necessário a partir dela pensarmos em outros grupos tão excluídos, discriminados e silenciados quanto o que entra em destaque nessa pesquisa. Propomos com esse trabalho um diálogo e um compromisso e responsabilidade social.

3.2 METODO (AUTO)BIOGRÁFICO

A epistemologia da pesquisa (auto)biográfica equivale ao estudo voltado para o sujeito, ele é o centro da pesquisa. Dessa forma, esse método visa compreender o caminho percorrido no campo da vida pessoal e profissional, para entender qual o significado ele dá as pessoas, coisas e lugares, assim como a relevância que o sujeito tece sobre si próprio com consequência da narração de momentos para ele relevante.

Segundo Pineau (2010), permite que a pessoa que narra (re)elabore conhecimentos, se perceba dentro de uma estrutura social e política e pode contribuir para entendimento de sua existência, suas ações e projetos de vida. Passeggi (2011, p. 154) afirma que “[...] a ressignificação da experiência, que se faz no retorno sobre si mesmo, implica o distanciamento de nós mesmos e a possibilidade de nos vermos como os outros nos veem, o que também implica contradições, crises, rejeição, desejos de reconhecimento, dilemas [...]”.

Por consequente, a pesquisa com narrativas oportuniza compreender as mudanças sociais e culturais do sujeito respeitando os diferentes contextos aos quais eles estão expostos. Tal método respeita a particularidade, subjetividade e complexidade do sujeito.

Aquele que narra sua história de vida sempre narra para alguém. Ou seja, no processo de elaboração de sua narrativa há sempre a tentativa de uma comunicação, mesmo que seja com um interlocutor, isto se aplica à situação da entrevista, na qual o pesquisador é quem estimula e recolhe a narrativa.

Quem conta a sua vida, não conta a um gravador, mas sim a um indivíduo. Além do mais, sua narrativa não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida e experiências e trabalho que ali se passa e se comunica. Desse modo narrar as vivências e acontecimentos preconceituosos, vivenciados pelos profissionais de limpeza urbana, os garis não seriam diferentes nessa pesquisa.

3.3 COLABORADORES DA PESQUISA

O nosso colaborador da pesquisa é natural da cidade de Campo Grande, trabalha na secretaria de obras e urbanismo, seu pai também é gari, sua mãe é pescadora e doméstica. No entanto, nossa pesquisa será realizada com o único da família que conseguiu ingressar no Ensino Superior, o mesmo é formado bacharel em administração pela instituição de ensino UERN. Por respeito a integridade do participante, terá seu nome fictício Pedro

A segunda colaboradora também é de Campo Grande, trabalha na secretaria de obras. Seus pais são agricultores, dos cinco (5) irmãos será a primeira a se formar pela UFRSA.

Acreditamos que apesar de ser um tema bastante discutido, não há registro publicizados de uma pesquisa dessa ter sido realizada na cidade de Campo Grande. Dessa maneira, acreditamos que a história do nosso colaborador pode nos ajudar a conhecer e entender como ele se sente diante do preconceito de sua profissão, mesmo sabendo de sua formação superior, pois para a sociedade mais vale a farda do que sua formação.

Justificamos nossa escolha por um número reduzido de colaborador fundamentados em Ferrarotti (2010) quando ele afirma que uma biografia tem vários níveis de subjetividade. Para além disso, uma biografia compreende a realidade social a partir do prisma de um indivíduo historicamente determinado, logo entendemos que esse colaborador poderá nos revelar a realidade no que concerne às marcas do silenciados pelo preconceito social que carrega esse profissional.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Bertaux (2010, pág. 89) a narrativa de vida não é um discurso qualquer: é um discurso narrativo que se esforça para contar uma história de vida real e que, além

disso, diferentemente da autobiografia escrita, é improvisado durante uma relação dialógica com um pesquisador que orientou a entrevista para descrição de experiências pertinentes para o estudo do objeto de pesquisa.

Destacando assim a afetividade e o vínculo a ser estabelecido entre entrevistador e entrevistado, deixando claro os papéis emocionais em volta, a humanidade tanto de quem narra quanto a de quem escuta.

Jovchelovitch e Bauer (2002) afirmam que as entrevistas narrativas visam a estimular e encorajar um entrevistado ou colaborador da pesquisa a falar sobre sua história ou sobre algum acontecimento importante de sua vida e/ou de seu contexto social. E, seguindo as indicações de Schütze (1977), que sugere a sistematização das narrativas com a finalidade de realizar a pesquisa no campo social, buscamos neste trabalho alterar a partir das narrativas construir espaços de legitimação de suas narrativas que expressam como acontece essa discriminação e implicação no contexto social, com esses indivíduos.

Dessa maneira, após a entrevista narrativa, fizemos a transcrição desta, em seguida, a devolvemos ao colaborador para que ele possa optar e ter ciência da transcrição e validasse nosso respeito e ética para com sua história. Após a ratificação do colaborador iniciamos uma leitura cuidadosa e reflexiva sobre sua fala, e então começamos nosso processo de análise.

As perguntas da entrevista foram colocadas em anexo utilizamos os dados fornecidos pelo colaborador, cujo nome será respectivamente Pedro. A entrevista foi realizada no dia dezesseis (16) de abril de 2020, às 18h00, horário de Brasília, na residência do colaborador, a escolha pelo local da entrevista foi feita pelo nosso participante, a escolha também se deu pela correria do trabalho, durante a manhã.

A entrevista ocorreu da seguinte forma, primeiro foi apresentado e entregue do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em seguida foi deu-se início a entrevista narrativa que a princípio teve uma pergunta indutora e no decorrer da entrevista realizamos mais quatro perguntas. Com a permissão do colaborador a entrevista foi gravada, em seguida transcrita. Orientamos a ele que ficasse tranquilo ao responder, pois teria tempo suficiente para refletir e responder, pois as respostas dadas seriam primeiramente analisadas e autorizadas por ele para em seguida ser analisadas e publicizadas por nós.

Reiteramos ainda que seguindo um princípio de Jovchelovitch e Bauer (2002), que tem sido adotado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas

(Auto)Biográficas em Educação (GEPNAE), foi feita uma análise temática. Esse tipo de análise se dá pela recorrência discursiva, a partir das experiências compartilhadas pelo nosso colaborador fizemos uma análise sócio, político e ideológico do profissional marginalizado como o gari.

Diante do exposto, esta pesquisa também fez um comparativo entre as narrativas dos nossos colaboradores, que são os garis da cidade de Campo Grande RN acreditarmos que esses profissionais passam por preconceitos e silenciamento diante da sociedade.

4. REFLEXÕES SOBRE LIXO E CIDADANIA

Para viver com dignidade, o homem precisa satisfazer as suas necessidades básicas - saúde, educação, moradia, alimentação, vestuário, lazer e trabalho. No mundo, atualmente, milhões de pessoas não conseguem o mínimo de satisfação desses direitos humanos. A exclusão social é talvez o elemento que mais contribui para tanta pobreza e miséria.

Hoje, as atenções do mundo todo estão voltadas para as desigualdades e exclusão social. Isso porque, cada vez mais pessoas atravessam a linha da pobreza em direção à miséria. Vivemos num mundo onde dois polos marcam o limite da sobrevivência: a riqueza absoluta e a miséria extrema.

Inúmeras iniciativas e projetos estão sendo estudados e postos em prática com o objetivo de atenuar os efeitos das desigualdades e exclusão social e, felizmente, o resultado de algumas dessas tentativas é animador. Dentre estas propostas, as que tratam da conscientização e cuidados com o lixo merecem destaque, pois esse material, que é sinônimo de miséria absoluta, está se transformando num excelente parceiro na luta pela inclusão social. A enorme quantidade de lixo produzido diariamente no mundo se transforma em prejuízos ambientais e passa a agravar ainda mais a qualidade de vida das pessoas, originando desequilíbrios ecológicos e trazendo risco à dinâmica natural do nosso planeta.

A sociedade moderna rompeu os ciclos da natureza: por um lado, extraímos mais e mais matérias-primas, por um outro, fazemos crescer montanhas de lixo. Consumo sustentável Manual de educação MMA/IDEC, (2002). Chegamos a uma situação de desconforto no que se relaciona com a produção e destino final dos resíduos sólidos por

nós produzidos. O homem já está se conscientizando da necessidade de uma nova mudança nas suas atitudes em relação ao lixo.

A sociedade é responsável pela problemática do lixo e a ela cabe participar ativamente das tentativas para resolver tão grande problema. É, pois, nosso desafio, rever o processo de consumo exagerado, criar tecnologias que permitam reciclar e reaproveitar os materiais em desuso e, principalmente, mobilizar a sociedade para reverter a visão que esta tem do consumo e do lixo.

Em se tratando do significado social do lixo, Santos (2000) destaca que o lixo tem diversas conotações, como forma de percepção dos indivíduos, mas são ressaltadas aquelas ligadas ao nível psicológico, econômico, ecológico e social-político. A autora Pereira (1993) cita um pouco sobre cada uma destas visões.

Na visão psicológica, a percepção do lixo, pela maioria das pessoas, é extremamente negativa, como sinônimo de inútil, desprovido de valor, sujeira, mau odor, degradação, putrefação, decomposição e morte, devendo desaparecer. Na visão econômica, o que é jogado na lata do lixo não tem valor de mercado positivo, variando esse valor de pessoa para pessoa. (PEREIRA et al. 1993, p. 314)

Na visão ecológica e socioambiental, os resíduos sólidos aparecem como poluição, elementos impactantes, que oferecem riscos para os seres vivos e para o ambiente em geral. Na visão sócio-política, a coleta, o transporte, o acondicionamento, o tratamento e a eliminação dos resíduos urbanos são considerados “limpeza pública”, portanto, uma atribuição que cabe ao poder público municipal.

Concordamos com autora, quando ela acentua que, para alguns indivíduos, o lixo não é problema, sua preocupação acaba no momento em que o caminhão coletor passa recolhendo os resíduos de sua casa. Essa mentalidade, contudo, está mudando muito nos últimos anos, haja vista que já se percebe um início de conscientização a respeito desse problema.

5. GARI, ATIVIDADE INSALUBRE EM GRAU MÁXIMO

O regulamento do Ministério do Trabalho que classifica o trabalho em contato permanente com o lixo urbano coleta e industrialização como atividade insalubre, em grau máximo, não distingue entre os trabalhadores que recolhem e os que varrem o lixo urbano.

De acordo com o Decreto-Lei nº 1.873/81, que dispõe sobre a concessão de adicionais de insalubridade e de periculosidade aos servidores públicos federal e que determina logo em seu art. 1º, que as normas trabalhistas sejam aplicadas aos servidores públicos no que diz respeito à insalubridade: “Os adicionais de insalubridade e de periculosidade serão concedidos aos servidores públicos federais nas condições disciplinadas pela legislação trabalhista”. (BRASIL, 2015: 993).

O problema é que, se tratando de servidores públicos municipais, no caso de Campo Grande, onde foi realizada a pesquisa, os garis passaram a ser estatutários, os quais são regulamentados sobre o adicional de insalubridade de uma forma contrária a aquilo que preza o Ministério do Trabalho, a CLT e Constituição Federal. Muitas vezes, os estatutos desclassificam o grau devido a insalubridade para pagarem um adicional menor ao servidor.

Como exemplo, podemos pegar os servidores públicos da área de limpeza e urbanismo, os garis que são resguardados pela NR 15 e possuem o direito ao recebimento do adicional em grau máximo, ou seja, 40% sobre o salário base, porém, o estatuto, descaracterizam a intensidade desse adicional e enquadram estes servidores na insalubridade média, ou seja, 20% sob o salário-base. Passamos a ver o estatuto do servidor público de Campo Grande RN, que constam da seguinte forma;

Subseção VII Dos Adicionais de Periculosidade e de Insalubridade

Art. 91. Aos servidores que trabalhem com habitualidade em locais insalubres ou em contato permanente com substâncias tóxicas, radioativas, com risco de vida, poderá ser concedida vantagem que indenize essas condições de trabalho, identificadas como:

I - Adicional de periculosidade - atribuída pelas condições que coloca o servidor, permanentemente, em risco de vida, em razão de métodos do trabalho classificados como perigosos;

II - Adicional de insalubridade - atribuída pelo exercício das atribuições, em caráter contínuo, em condições que exponha o servidor a agentes nocivos à saúde, considerada a natureza e a intensidade dos agentes e do tempo de exposição aos seus efeitos.

§1º O servidor que ficar exposto a condições que justificam o pagamento dos adicionais mencionados nos incisos do caput será remunerado somente por um deles, considerando, para tanto, o de maior incidência e de intensidade na jornada de trabalho.

Art. 93. Os adicionais de insalubridade e periculosidade serão concedidos em obediência a critérios e situações definidas em

regulamento específico, aprovado pelo Prefeito Municipal, elaborado com base em normas do Ministério do Trabalho sobre a matéria.

§1º O valor individual do adicional de insalubridade dependerá do grau de incidência das condições insalubres, sendo 5% (cinco por cento) para o grau baixo, 10% (dez por cento) para o grau médio e 20% (vinte por cento) para o grau alto, e incidirá sobre o salário base do servidor.

§2º O valor individual do adicional de periculosidade será de 30% (trinta por cento) e incidirá sobre o salário base do servidor.

É sabido ainda que a constituição Federal é a norma superior no nosso ordenamento jurídico, e, por esta razão, todas as normas produzidas, seja no âmbito federal, estadual, ou municipal, devem estar em total consonância com a carta Magna. Percebemos acima o que ocorreu, no entanto, é que, mesmo sem a utilização do material necessário e, independente de perícia ou decisão judicial, os órgãos da administração municipal, tem reduzido o grau de insalubridade dos servidores públicos, prevalecendo a Lei Municipal, frente às Normas Constitucionais.

É fato que já se passaram quase seis (6) anos da aprovação desse estatuto, e os direitos dos garis aos 40% de insalubridade ainda continuam sendo impugnados, recebendo somente o que está estabelecido acima, referido a 20%. A partir disso podemos refletir sobre até quando os políticos desse país só faz leis e decretos, que os favoreçam e escabeçam seus próprios interesses? Enquanto nós, os trabalhadores assalariados, que trabalham todos os dias teremos nossos direitos negados?

Nota-se, portanto, que esses Estatutos, mesmo dotados de legitimidade, esquecem de analisar o caráter humanista, deixando de lado os princípios constitucionais e os direitos resguardados a bons trabalhadores. Sendo assim, uma solução plausível para a situação, seria a adequação desses Estatutos Municipais, quando aos preceitos já pré-estabelecidos a respeito do adicional de insalubridade, com o intuito de assim, resguardar ao servidor público aquilo que lhe é de direito.

Em conformidade com Costa fala que “Há muito jogo de aparência nas classes burguesas e na média burguesa, o que corresponde a um fenômeno também da invisibilidade e bastante corrosivo.” (COSTA, 2004 p. 223).

6. COMPARATIVOS DISCRIMINATÓRIOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Corrigir as desigualdades é um passo fundamental para que se construa uma sociedade mais justa com os sistemas. Rever as arbitrariedades seculares, estruturais e cumulativas que têm mantido os privilégios de um grupo em detrimento da difusão de direitos fundamentais para a totalidade da população. Já sabemos que a classe média brasileira se preocupa muito mais com privilégios do que com direitos e, considerando que as relações sociais deste país são profundamente marcadas pela escravidão, percebemos o quanto a manutenção de algumas profissões, são discriminadas em nossa sociedade contemporânea aqui queremos destacar a do Gari.

Essas menções e implicações estão interligadas ao preconceito, tanto na sociedade, um retrato disso é o trato dado a profissão do gari. A discriminação e o preconceito permeiam a história da sociedade brasileira, em que suas origens são marcadas por contextos e fases evolutivas. Entretanto, foram objetos de preocupações tardiamente. O fato é que, por muitos anos, o preconceito e a discriminação foram divulgados de forma motivadora, considerados como algo positivo (FERREIRA, 2015).

De acordo com Bitencourt (2008), nos dias de hoje, em muitas ocasiões, crimes por desigualdade, discriminação e preconceito são imprescritíveis e inafiançáveis, sujeitos à pena de reclusão. Capez (2012), acredita que o preconceito e a discriminação venham da intolerância por parte da sociedade, quando a mesma não conhece ou pondera os fatos.

A discriminação e o preconceito são um problema atual e mundial que atinge tantos países de primeiro mundo quanto países em desenvolvimento e toda forma de preconceito deve ser combatida por ofender diretamente a dignidade da pessoa humana (FERREIRA, 2015, p.1).

É ponderado que o preconceito assim como a discriminação, ainda estejam tão enraizados em nosso contexto social atual, a melhor estratégia é manter sempre um comportamento de respeito. E respeito é coisa que se aprende estamos em constante evolução e todos os dias desenvolvemos novos meios para lidar com essas situações. O ambiente de trabalho também pode ensinar, mas cabe a todos compreenderem e respeita a todos, pois todos nos temos particularidades diferentes no âmbito social.

Segundo Bobbio (1996), o preconceito se localiza nas esferas da consciência e da afetividade das pessoas, por si só não ferem princípios e nem direitos. Todos têm direito de gostar ou não gostar, desde que esse direito não invada e nem viole a dignidade do próximo, por meio de ações e menções que os passe a praticar. Percebe-se então, que embora a sociedade nos dias de hoje, mesmo mediante seu estágio evolutivo cultural e

tecnológico, tente disfarçar seu preconceito e discriminação, muito ainda existe dessa prática no dia a dia. Encontram-se diversos exemplos aplicados, onde o julgo prévio das pessoas é um deles. Desta forma, de acordo com Lima (2011), isso vem reconhecendo, gradativamente, dispositivos de garantia de igualdade de condições entre todos aqueles que vivem em sociedade.

Souza (2014), nos mostra outro tipo de discriminação por parte da sociedade, ele ressalta a decorrência dessas discriminações, de crianças e adolescentes em um determinado bairro em Natal. Ele discorre

[...] a frente daquela inusitada mobilização comunitária, as nossas predisposições comunicacionais prontamente nos levaram a realizar uma contabilidade simples, a partir da qual certamente teríamos desenvolvido uma abordagem noticiosa do fato, caso estivéssemos, na ocasião, atuando diretamente no mercado editorial desse campo de na população do bairro em questão ultrapassava os 22 mil moradores (SEMURB, 2008), em princípio pessoas bem sucedidas e igualmente posicionadas em setores privilegiados e estratégicos do mercado de trabalho e da sociedade em geral. Já o abrigo institucional, objeto da rejeição, abrigava, à época, 32 adolescentes em situação de vulnerabilidade social e risco, e, importante destacar, não infratores. Essa formação graduada da comunicação social (SOUZA, 2014, p. 16).

Nesse retorno sobre si mesmo para dar forma às suas inscrições sociais e ao curso de sua existência, os indivíduos encaram a multiplicidade de opções nos contextos das ancoragens sociais que se lhes apresentam, posicionando-as como as matérias primas da descoberta continuamente experimental de si mesmo, que, na atualidade, não ocorre mais de forma linear e predeterminada, segundo códigos tradicionais, mas a partir de escolhas que se fazem plurais e variadas (SOUZA, 2014, p. 57)

Percebemos a partir de Souza (2004), o peso dessas discriminações sociais quando o mesmo relata que tanto na realidade como no imaginário, os adolescentes em abrigos comumente aparecem como integrantes de uma população em situação de desvio social e, como tal, a representação dos problemas implicados à pobreza, violência, delinquência e drogadição, sendo qualificados de “difíceis” em razão de seus comportamentos (FÁVERO, VITALE, BAPTISTA, 2008).

Segundo Coutinho (1987) há uma sólida ligação entre história e literatura, entre a obra literária e o contexto social em que ela surge. O autor conta que muitos escritores se exercitaram nos dois domínios e fala que há uma relação permanente de temas que se projetam de uma sobre a outra, ou seja, o autor afirma que há forte influência entre a história social e o produto da arte da literatura. Além disso, para Coutinho, para que se

faça uma análise completa de uma obra literária, é necessário que se investigue relações e influências de contextos históricos, dando atenção às fronteiras entre os domínios histórico e literário que se interpenetram na intelectualidade das produções artísticas. Partindo dessa afirmativa do autor acima citado, achamos considerável trazer um poema Machadiano.

“O caso da vara”, no conto de Machado de Assis, foi possível identificar a existência de um sistema de relações sociais vigente na sociedade brasileira escravocrata do século XIX. Tal sistema encontrava seus alicerces na dominação e na subserviência não só de senhores em relação aos seus escravos, mas também na dependência entre homens livres e pessoas detentoras de algum tipo de poder dentro da sociedade. Sendo assim, não é objetivo desta pesquisa analisar o conto de Machado de Assis, mas consideramos as relações do conto literário com o contexto social e com os acontecimentos históricos, percebemos a relação entre literatura e sociedade como meios de relacionar também com a profissão do gari.

*Lucrécia, olha a vara!
A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio.
Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta,
Lucrécia receberia o castigo do costume. Damião olhou para a
pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com
uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava
onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente,
a fim de não interromper a conversação. Teve pena da negrinha, e
resolveu apadrinhá-la, se não acabasse a tarefa. Sinhá Rita não lhe
negaria o perdão... Demais, ela rira por achar-lhe graça; a culpa era
sua, se há culpa em ter chiste. (pag.18,19 e 20)
Machado de Assis*

A estrofe desse conto nos remete a reflexão dos cooperados da secretaria de obras da cidade de Campo Grande RN, na qual por muitas vezes, os seus direitos são negados e oprimidos por não serem concursados, infelizmente essa realidade ainda acontece nos dias de hoje. O conto foi publicado no ano de 1891, encontrasse-se ainda tão enraizado no contexto social atual.

O conto quis enfatizar um ponto, o seu jogo de luz e sombras, que não é ficção. Sombras quando há escuro que cobre um ser, além disso, pode-se dizer que a temática das relações sociais de dominação abordadas no conto ainda pode ser ilustrada nos dias atuais e, por isso, ser considerada uma temática universal. Ainda na contemporaneidade é possível observar grande veneração ao sistema hierárquico, mesmo depois de serem

extintas as denominações de, por exemplo, “senhores”, “escravos” e “libertos”. A dependência e a patronagem estão frequentemente presentes nos ambientes corporativos, públicos e privados, onde prevalece a vontade da pessoa que ocupa o cargo de maior superioridade.

Levando em consideração tudo que foi exposto até aqui, é válido relembrar que, segundo a ideia de Reale (1982), a história e a literatura são como fios de um tecido que a mão de um tecelão vai compondo, com os seus vários aspectos morais e políticos, a sociedade e suas obras de arte. Assim, portanto, é possível acreditar que Machado de Assis possui o dom de tecer, com a sua escrita baseada no estilo realista e denunciando as mazelas sociais, fios complexos que resultam em uma bela obra artística e também de caráter crítico social. Costa (2004 p.17,18), nos afirma que o desenlace é de um chocante anticlímax e de um realismo acachapante. A ordem da vara foi mantida só conta o drama dos senhores. Desapareceu o drama Lucrécia sumiu, devolvido á invisibilidade de antes e sempre. Essas convivências do psicólogo Costa, serve para mostrar as mais duras condições de trabalhos e também sentir quem sofre a invisibilidade pública, ser gari hoje no Brasil não é tarefa fácil, além do preconceito lutamos por nossos direitos que nas maiorias das vezes, são negados.

Trataremos um pouco sobre o fenômeno da invisibilidade social que se refere a seres invisíveis na nossa sociedade, seja pela indiferença ou pelo preconceito. No livro *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*, o psicólogo Fernando Braga da Costa (2002) conseguiu demonstrar a existência da invisibilidade, vestiu-se o uniforme do serviço de limpeza da cidade e trabalhou como gari, varrendo as ruas da Universidade de São Paulo, por 8 anos. Segundo ele, ao olhar da maioria, os trabalhadores braçais são seres invisíveis, sem nome.

O conceito de invisibilidade social tem sido aplicado a seres humanos que estão à margem da sociedade, socialmente invisíveis seja pelo preconceito, pela indiferença, classe econômica, nível de escolaridade. Os garis é um grande exemplo desse tipo de invisibilidade social, pois passam despercebidos nas ruas pelas pessoas. O seu reconhecimento se dá pelo uso de um uniforme ou por seus equipamentos de trabalho. Eles são tratados pelas pessoas como o povo do lixo da limpeza pública. Segundo Costa (2004) a utilização de um uniforme faz com que esses trabalhadores percam sua identidade, sua subjetividade, e se tornem seres completamente invisíveis perante a sociedade.

Segundo Costa (2004) foi através de seu estudo realizado com garis da USP de São Paulo que ele percebeu como se dava o processo de invisibilidade social, visto que seus colegas de classe e professores não o percebiam quando estava usando o uniforme de gari, passavam por ele e não o enxergava parecia que ele estava invisível usando aquela roupa, porém essa é apenas a realidade dos Garis, que trabalham há anos no mesmo lugar e passam despercebidos diante das pessoas. A identidade delas é definida pelos recursos materiais por suas conquistas no mercado e não por sua singularidade, pelo seu caráter, sentimentos, atitudes em determinados contextos.

Costa nos traz em seus relatos muitas vivências que ainda atravessa os dias atuais, parece que nada foi mudado em relação ao preconceito, a invisibilidade, assim como o termo do uniforme, por várias vezes eu minhas colegas de trabalho, passamos despercebidas como se fôssemos um poste, uma placa, ou até mesmo qualquer outra coisa, menos nós as garis.

No início quando começamos a trabalhar pelas lindas ruas da nossa campo grande, sentíamos um pouco incomodadas pelo simples fato de um uniforme mudar as nossas características, porque antes de vestir o uniforme, somos mulher, mãe e filha, mas o preconceito de estarmos vestidas com um uniforme laranja, para alguns mudou, para nós, estarmos vestidas com esse uniforme é motivo de garra, de luta, não estamos com ele, o uniforme, por acaso, estamos porque estudamos fizemos um concurso e passamos, e para aqueles que não sabem, estou aqui estudando para concluir minha graduação. Tenho orgulho do nosso trabalho, somos servidoras públicas como quaisquer outros funcionários da prefeitura, só queremos ser reconhecidas.

Na verdade, gostaria que todos os garis conseguissem chegar ao ensino superior, e poder mudar a narrativa de quem diz que “a profissão de gari ficou para quem não quer estudar”. Essa frase me machuca profundamente, infelizmente a profissão de gari no Brasil está permeada por estigmas que resultam de uma percepção tradicional como uma profissão de atraso, desqualificada, com poucas possibilidades educacionais. Ainda prevalece o pensamento discriminatório. Dessa forma, a profissão de gari é percebida como uma profissão de atraso e, por tanto, as pessoas que a exercem são vistas como desqualificadas e, por conseguinte, condenadas ao fracasso. Infelizmente existem garis que não tiveram a oportunidade de ingressar em uma escola, nem por essas estatísticas devem ser vistos como fracassados.

A invisibilidade pública ou social é um tema relativamente novo, que segundo Costa (2008) “é uma espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros

homens” (p.10). Numa sociedade capitalista, marcada por preconceitos e desigualdade social, é evidente a valorização dos sujeitos de classe econômica alta, que ocupa cargos respeitados e admiráveis, sobretudo aqueles que exercem profissões intelectuais, em detrimento do sujeito menos favorecido economicamente, que se dedica às atividades braçais e por isso desvalorizadas, sendo então desrespeitado, humilhado e consequentemente despercebido.

Ainda segundo Costa (2004) compreende o objeto de seu estudo, a invisibilidade social, tornando-se um daqueles sujeitos da sua pesquisa, recebendo o mesmo tratamento que eles. Relembra Costa no intervalo entre as aulas no Instituto de Psicologia,

[...]foi preciso que eu passasse por dentro do prédio daquela faculdade. Imaginei, então, que vestindo aquele uniforme ali incomum... fosse chamar a atenção de toda a gente [...] não fui reconhecido [...] nenhuma saudação corriqueira, um olhar, sequer um aceno de cabeça. Foi surpreendente. Eu era um uniforme que perambulava estava invisível. (COSTA 2004 p. 58).

Diante de uma sociedade capitalista marcada por preconceitos e desigualdades sociais, o sujeito que não possui status, um bom nível econômico, passa despercebido em meio aqueles que possuem profissões admiráveis e respeitadas. A cegueira e a rejeição refletem nesses garis sentimentos de inferioridade, baixo auto estima, provocando um sofrimento psíquico, por se sentirem humilhados. Esse desprezo é causado pela incapacidade de reconhecermos essa profissão como digna e pela dificuldade em aceitar que são pessoas privadas de oportunidades, possuem sentimentos, histórias de vida difíceis.

A invisibilidade é resultado de um processo histórico de longa duração. Rebaixa a percepção de outrem, especialmente a percepção de alguém vinculado à forma baixa do salário assalariado, o trabalho desqualificado, alienado e alienante” (COSTA, 2004, p.15).

Questionamos como ficaria a comunidade de Campo Grande e todo o Brasil, se não fosse o trabalho desses agentes de limpeza? O que as pessoas iriam fazer com o lixo? Onde iriam descartar? Propagam-se críticas equivocadas atribuindo essa situação a vontade própria ou porque esses trabalhadores não se interessaram pelos estudos ou porque é pobre, só tem esse emprego. As pessoas tendem a fazer comparações e/ou julgamentos.

Eu sou um exemplo dessa falsa narrativa que vem se perpetuando e já é naturalizada sobre “só está aí porque não estudou”, “se você não estudar vais ficar igual a ele”. Hoje estou fazendo o trabalho final de curso de nível superior. Estou prestes a me formar como professora de Libras por uma universidade pública federal, tenho muito orgulho de ser uma futura professora e não tenho vergonha alguma de falar que minha profissão atual é de GARI. Será que eu não quis estudar? Será que outrora eu não fui privada de cursar um nível superior? Será que eu não optei pela profissão de Gari? Essas e outras são questões devem que ser consideradas sempre que virmos um “um uniforme que perambula”

Bater o ponto, vestir o uniforme, executar trabalhos essencialmente simples (como varrer ruas, cortar matos, retirar os barros que se acumula junto às guias), estar sujeito a repressões mesmo sem motivo, transporta-se diariamente em cima de caçambas de caminhonetes ou caminhões em meio às ferramentas ou lixo, são as tarefas delineadoras daqueles homens. Tarefas nas quais podemos reconhecer ingredientes psicológicos e sociais profunda e fortemente marcadas pela degradação e pelo servilismo. São atividades cronicamente reservadas a uma classe de homens proletarizados, homens que se tornam historicamente condenado ao rebaixamento social e político (Costa, 2004, p.15).

Ainda segundo Costa (2004), para que os garis possam sair dessa condição de invisibilidade social devem ser trabalhados dois aspectos, pessoal e social. O primeiro deve ser feito uma auto valorização e conscientização, desenvolver uma relação afetiva intrapessoal, em seguida deve ser feito uma conscientização junto a sociedade para que possam mudar sua visão sobre o trabalho dos garis, passando a enxergar essa profissão, e a reconhecer como uma profissão que pode ser ocupada por qualquer pessoa independentemente do nível social ou do grau de escolaridade.

Estamos diante de um mercado competitivo e com poucas oportunidades de trabalho, para muitas pessoas o que importa é sua dignidade, e poder pagar suas contas, sustentar sua família, e não o lugar onde trabalham.

Viver em um mundo capitalista, cheio de desigualdade social, e com baixas oportunidades de emprego, faz com que as pessoas não escolham seu trabalho, e sim, faz com que o trabalho as escolham, por isso devemos acabar com esse preconceito e estabelecer uma relação de reconhecimento entre a sociedade e os garis, onde possa existir respeito, agradecimento, esses profissionais possam ser cumprimentados e elogiados, criando assim um novo espaço, onde permite que os garis sejam reconhecidos pelo seu trabalho e sejam vistos como seres humanos visíveis perante a sociedade.

A humilhação social segundo Costa (2004, p. 22 - 23), é sofrimento ancestral e repetido para roceiros, mineiros, ou operários, também para uma multidão pequenos servidores, para os subempregados e para os desempregados, é sofrimento que o trabalhador vai amargar sozinho e, cedo ou tarde, vai também dividir com outros trabalhadores. A dor dos subordinados, repartida entre familiares, compadres e amigos, também naturalmente move conversas com os vizinhos no bairro e com companheiros de classe nos intervalos do trabalho controlado.

O sofrimento, quem sabe, virá também polarizar reuniões e discussões mais robustas, instauradas por movimentos coletivos que se encorpam e assumem sentido deliberadamente político. Costa (2004), nos leva a um comparativo exploratório, em relação a cidadãos das classes pobres que vem antes das organizações e precisa informá-las. É triste quando a organização cai forçada e de fora, roubando a naturalidade e a originalidade.

Índios expostos a espoliação agrária. Negros expostos ao racismo. Roceiros sem terras, expostos a trabalhar para só comer. Cidadãos pobres expostos ao emprego proletário, ao desemprego e a indigência. Velhos expostos a ficarem para trás no trabalho acelerado. Mulheres detidas por seus pais, irmãos e maridos, por seus professores e chefes. Amantes expostos a vigilância e a proibição, quando o amor aconteceu fora da ordem erótica oficial. Loucos desmoralizados pela ciência, casados pelos tribunais, invalidados pelos manicômios. Tantos expostos a desonra e ao desrespeito cultural. Uma comunidade política parece reuni-los todos à exposição e ao sofrimento da dominação (COSTA 2004, p.25).

Para Max (1983), é justamente essa capacidade que o homem tem de transmitir significado à natureza por meio de uma atividade planejada, consciente e que envolve uma dupla transformação entre o homem e a natureza, que diferencia o trabalho do homem de qualquer outro animal. Para o autor, é pelo trabalho que o homem transforma a si e à natureza, e, ao transformá-la de acordo com suas necessidades, imprime em tudo que o cerca a marca de sua humanidade.

Sachuk e Araujo (2007) reforçam o caráter central do trabalho para a humanidade quando afirmam que, ao longo de toda a história da evolução humana, o trabalho foi algo determinante para a manutenção da vida do homem, tanto individual como coletiva. Para os autores, a humanidade se estrutura histórica e politicamente, quase em sua totalidade, em função do conceito de trabalho.

Assim, separar o trabalho da existência das pessoas é muito difícil, senão impossível, diante da importância e do impacto que o trabalho nelas provoca (JACQUES, 1996). Segundo Max (1983), o trabalho no modo de produção capitalista deixa de humanizar e passa a alienar, pois o produto e o próprio processo de produção se tornam estranhos ao trabalhador.

O capitalismo modifica a visão de liberdade do homem à medida que precisa vender sua força de trabalho para sua sobrevivência, dissociando o trabalho do homem que o realiza. O trabalhador subordinado ao capital não tem mais controle do produto nem do processo de seu trabalho, pois estes estão centralizados nas mãos do capitalista.

As mudanças que o processo de trabalho sofreu ao longo do tempo podem estar relacionadas a transformações sociais e políticas advindas da Revolução Industrial, uma vez que está ocasionou o surgimento de novas classes sociais e a passagem da sociedade agrária para a industrial.

Uma dessas categorias profissionais que se amoldaram a essas transformações é a de Gari. Segundo descrição prevista no site eletrônico do Ministério do Trabalho e Emprego, especificadamente na Classificação Brasileira de Ocupações – (CBO, 2002), instituída pela portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, a qual tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho, a categoria profissional Gari é definida como sendo a de trabalhadores que prestam serviços de coleta de resíduos, de limpeza e conservação de áreas públicas.

Ressalta ainda que uma das soluções seria expor a população a esses profissionais como “operários do meio ambiente”. Influenciando diretamente na autoestima desses profissionais. Para isso as melhorias no trabalho devem fazer parte dessa promoção, para que os coletores sintam orgulho do que fazem e realizem seu labor com mais motivação.

Assim é lamentável como a nossa sociedade, infelizmente, tem algumas distorções de valores com relação as profissões, chegamos ao ponto de supervalorizar profissões que não são essenciais e menosprezar aquelas que são vitais para o nosso sobreviver. Retribuímos um profissional por seu trabalho com o valor monetário que o mesmo recebe, e veja o que fazemos em nossa sociedade, aqueles que fazem parte dos grupos de profissionais essenciais para a sobrevivência da humanidade, ou para o bom desenvolvimento, são mal pagos e também vítimas de preconceito.

São eles nossos garis, faxineiros, empregadas domésticas, babás, agricultores, pescadores. E por outro lado supervalorizamos aqueles que não são de vital importância para a nossa comunidade, como por exemplo, os jogadores de futebol e os artistas de

cinema. É bastante paradoxal, mas todos aqueles do qual não viveríamos sem, ou viveríamos muito mal, não são valorizados, é o caso dos os garis. Poderíamos ficar anos sem os jogadores de futebol, mas não seria possível preservar a saúde da população se por apenas algumas semanas nós os garis deixassem de recolher os lixos das ruas. E mesmo assim, grande parte dos jogadores de futebol profissional ganha no mínimo 100 mil vezes mais que os garis.

Percebamos que não estamos aqui dizendo que os esportistas ou os artistas não deveriam receber bem, e também não estamos afirmando que a nossa estrutura social irá mudar porque estou problematizando isso nessa pesquisa. Estamos querendo despertar nos leitores essa consciência, e não apenas no aspecto profissional, mas também em tudo aquilo que sua vida toca.

7. DISCRIMINAÇÃO NA CLASE DE TRABALHO

O preconceito e todos os elementos que o constitui é uma discussão longa e complexa pois envolve perspectivas, filosofias, e olhares distintos, no entanto todos tem o mesmo direito ao respeito independentemente da profissão que exerce, esse respeito servi no melhoramento do processo educativo de cada indivíduo. Nesse sentido, percebemos a relevância de buscar embasamento teórico sobre o processo do preconceito em relação a profissão do gari. Como também, o preconceito e silenciamento, bem como fazer uma comparação empírica de como esse processo ocorre diante dessa sociedade contemporânea na qual vivemos.

Para isso, compreendemos que existem determinadas representações construídas, do mesmo modo que estas estão relacionadas às identidades sustentadas pelos sujeitos. Nesse sentido, entende-se que tanto a identidade como as diferenças estão relacionadas às representações sociais.

Nossa pesquisa a todo tempo faz menção a profissão de gari, por entendermos que sofrem por falta de representação social, política e ideológica. Dessarte, durante o curso de graduação de Letras Libras, ao estudar a história do sujeito surdo, fomos fazendo analogia com a história dos sujeitos que trabalham com a limpeza pública, surgindo assim em nós, a curiosidade epistêmica de saber quais experiências podem ser contadas por profissionais que são silenciados pelo preconceito social?

No que concerne ao preconceito em relação de trabalho, o gari é o que mais perece perante sociedade. A função do operário do meio ambiente, termo sugerido por Mario César Ferreira, Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ergonomia Aplicada na UnB, pode ser considerada a mais estigmatizada pela comunidade, por que, no senso comum, se trata de um trabalho humilhante e imundo, uma vez que ninguém quer realizar está atividade laboral degradante e as pessoas acabam por associar o resíduo à miséria, coisas ruins e imoralidade e, por fim, confundindo o lixo com o coletor.

No entanto, frequentemente, atitudes negativas, caracterizações estereotipadas e preconceitos são lançados e atribuídos às profissões sem status social, vistas como inferiores, ainda que façam parte do mercado formal, como é o caso dos garis. Como define Costa (2004), o ofício de gari, ou varredor de ruas, é uma atividade de perfil persistentemente reservada a uma classe social subproletariado e historicamente condenada ao rebaixamento social e político, em que as relações sociais são marcadas por seus desníveis.

Em recente pesquisa realizada pelo Datafolha - afirma Eigenheer (2003) – a profissão de catador de lixo ficou em primeiro lugar como a mais rejeitada e a de gari em terceiro lugar. Certamente, isso tem relação com o fato de a sociedade sempre ter se relacionado com o seu lixo com atitudes de afastamento, preconceito e estigma. Neste sentido, nossa pesquisa objetivou identificar, quais experiências marcaram ou marcam profissionais que são silenciados pelo preconceito social. Quais são os atos preconceituosos recorrentes contra esses trabalhadores da limpeza urbana, na cidade de Campo Grande – RN.

Em relação aos atos preconceituosos existem bastante por meio da população, um exemplo: muitas vezes a gente está trabalhando e pessoas conhecidas da nossa convivência diária, passa no momento que a gente está exercendo a função de gari na cidade, passam nem dão um bom dia ou uma boa tarde, nem se quer olha. E quando a gente não está trabalhando de gari e não está exercendo a profissão eles chegam normalmente com amizade a fala, brinca, roda aquela coisa. Quando estamos exercendo a profissão eles, digamos assim, já não dão cabimento, esses são as questões do preconceito, relacionado a convivência externa de gente na secretaria, quando a desenvolvendo o serviço nos trechos. A gente consegue percebe outros, digamos assim, a não valorização do setor público com a profissão do gari. Da para perceber que a nossa secretaria no contexto administrativo, percebesse que eles deixam muitas falhas a ser feitas, algo muito simples que a gente percebe que a administração pública deixa muito a desejar durante o nosso desempenho na nossa função e dentro da secretaria essas coisas que podemos falar esses atos eles são bem visíveis. Percebemos eles todos os dias, não é coisa de dizer assim, não hoje não teve, mais durante o momento que a gente está exercendo a profissão de um modo ou de outro encontramos o preconceito

dentro da profissão de gari que exerce (excerto da entrevista com o colaborador PEDRO). (Grifo nosso)

A partir da fala de Pedro, percebemos a carga subjetiva atrelada ao lugar que o sujeito ocupa na sociedade, percebemos o peso positivo ou negativo atribuído a um fardamento, ou traje, ou objeto de trabalho, ou local de trabalho. Infelizmente fatores externos como estes acima descritos entre tantos outros são mais avaliados e levado em consideração do que os sujeitos, havendo assim juízo de valores. Percebemos com isso que as pessoas de maneira geral (não é uma regra, mas é um número expressivo), dá mais valor as coisas do que ao trabalho ou as pessoas que exercem o trabalho.

É provável que isso seja reflexo de um país que ainda tem suas raízes fortemente arraigadas no modelo escravocrata que durante longos anos foi utilizado aqui no Brasil. É perceptível o quanto trabalhos braçais ainda são vistos e percebidos como trabalhos para pessoas desqualificadas ou incapazes de se qualificar, para pessoas que não “merecem” uma ascensão econômica, acadêmica e social.

Dessa maneira acreditamos que falta a população tirar o rótulo de que gari vivi dentro do lixo, gari é um profissional como qualquer outro profissional, e também tem sonhos e direitos, e um deles ser um profissional de nível superior. Outro fator relevante nas relações constituídas pelos garis, são os laços criados entre eles. É como se houvesse um fortalecimento de classe, mesmo tendo um contato abrangente com a população, é o contato com seus pares que são mais marcantes.

“É o contato relacionado a população né. A gente tem um contato bem abrangente, dentro da cidade, ou seja, os garis buscam também o contato pessoal no seu dia a dia com a população. Através desse contato é que a gente vai pegando experiências com as pessoas, muitos, pela profissão, e também o contato pessoal com os profissionais colegas de trabalho, que a gente tem, esses são os fatos que mais marcam dentro da profissão, são os contatos com os colegas de trabalho o dia a dia de cada um. Que são bem relacionados uns com os outros né, com relação as convivências de trabalho e familiar essas são as questões que mais marcam a gente dentro de nossa profissão como gari! São esses contatos com a população e outra coisa também é a questão do setor que a gente trabalha, por ser um setor abrangente por ser uma secretaria aberta, então desse modo dificulta o nosso contato pessoal com os colegas de trabalho são poucos contatos, de mais um com os outros, são questão de minutos, mais assim mesmo ainda dá para gente ter um contato (excerto da entrevista com o colaborador PEDRO). (Grifo nosso)

Concordamos que o gari, não só constrói experiências, também cria espaços de convivências e relações de proximidade com seus colegas de trabalho, assim acontece também com alguns cidadãos, da população, que lhe permitem usufruir uma afetividade

coletiva, vínculos afetivos que influenciam positivamente na sua relação com a profissão. Sentem-se integrados à comunidade e reconhecidos em seu trabalho, o que lhes possibilita ter prazer em uma profissão socialmente estigmatizada.

Bom eu acredito que as pessoas me veem como gari algumas me aceitam como gari, respeitam assim como qualquer outra profissão existente dentro do setor público. Já outras não, não tem muita importância quando elas se veem gari desenvolvendo o papel de gari né. E de modo geral, tanto pelas pessoas como pelo setor público nós os garis gostaríamos que fossemos vistos com respeito assim como as outras funções existentes né. Podemos mudar isso, acredito que por meio da união, dentro da nossa secretaria, a gente adquiriria melhorias dentro das funções dos garis da nossa secretaria. Através da nossa união de buscarmos juntos ao setor público melhorias para nossa secretaria hoje e bem diferente com relação quando a gente entrou na secretaria né. Então eu vejo que por meio da união, dos servidores dos garis a gente conseguiria buscar melhorias o ponto fundamental e essa união e nunca desistir (excerto da entrevista com o colaborador PEDRO).

A gente se sente bastante silenciado, em todos os nossos setores falta ao setor administrativo a gente vai buscar juntos com os gestores públicos melhorias dentro das nossas condições de trabalhos, como buscar condições salariais e etc. Temos uma equipe que organiza, marca reuniões, não são feitas, muitas vezes são prometidas e não são realizadas. Então desse modo se ver, que a não há muita importância, então nos sentimos silenciados, nesse sentido pela gestão pública de tanto a gente buscar melhorias e não são atendidas isso percebemos diariamente. Enquanto a população percebesse diariamente, as pessoas de nossa convivência quando a gente está exercendo a função tem alguns não é 100% que não pode generalizar, não é 100% mais tem alguns que silencia sim, não dão a mínima importância no momento que estamos exercendo. Mas também tem aqueles que dão apoio a nós, por exemplo alguns quando estamos trabalhando no determinado trecho, eles nos chamam, acolhe, oferece um copo de água, um café, muitas vezes refeições durante o período que estamos trabalhando não é 100% mas tem alguns que sim, somos silenciados. (excerto da entrevista com o colaborador PEDRO). (Grifo nosso)

Pedro menciona a relação de convivências que marcam suas experiências, de certa forma, acontece uma afetividade. Desse modo entendemos que a afetividade pode ser caracterizada como a capacidade de experimentar sentimentos e emoções. No conceito de afetividade está implícita a existência de um conteúdo relacional, isto é, somos afetivos em relação a nós mesmos, ao outro ou a algum fato ou contexto ambiental e social, este sentido ocorre uma visualização entre o ser e o mundo (VALLE,2005).

Apesar do acolhimento de alguns cidadãos os profissionais de limpeza se sentem silenciados não só pela sociedade, mas também pela gestão e gestores, pois mesmo marcando reuniões e dando espaços de fala eles não são atendidos em suas demandas

trabalhistas o que pode acarretar uma insatisfação, desvalorização e silenciamento crônico nos servidores e isso pode ser refletido na execução do serviço desses indivíduos.

Apesar de toda adversidade, esses profissionais continuam lutando e sonhando com dias melhores, dia em que não serão mais silenciados, ou esquecidos e/ou rejeitados. Nosso colaborador encontrou no estudo um caminho possível para essa mudança.

Foi buscar melhorias, melhorias de trabalho, toda vida meu trabalho foi braçal em tão eu fiz um PSU na UERN e consegui uma vaga no curso de administração né, sou bacharel em administração, pela UERN, e foi por meio dos estudos que eu busquei novas melhorias de vida. Com relação ao que mudou pessoalmente e profissionalmente na minha vida pessoal mudou bastante, através do ensino superior, a gente tem novas experiências temos novos conceitos e desse modo vai buscando melhorias para sobreviver. Com relação do meu nível superior com relação a minha profissão de gari não alterou nada! Assim em termos de dizer dentro da profissão de gari dentro da minha função de gari com relação o nível superior não teve nenhuma alteração. Ou seja, eu formado em administração, com nível superior continuo do mesmo jeito exercendo minha função de gari não houve nenhuma mudança em termo de superior (excerto da entrevista com o colaborador PEDRO).

Ainda que Pedro (2020) continue na mesma profissão que estava antes da obtenção do título de Bacharel em Administração, ele não é mais o mesmo. Ele hoje conhece seu espaço por direito, seu local de fala, o lugar que ele ocupa na sociedade. Ele sabe que ser gari não o diminui em nada, não o torna sujo ou incapaz. O Ensino Superior de Pedro lhe permitiu novos horizontes cognitivos e sociais. Mesmo que ascensão financeira ainda não tenha ocorrido ele já pode desfrutar de várias certezas, tais como: Ele é capaz! Sua profissão é indispensável para todos! Ele não é um “uniforme que perambula”! Ele pode e deve lutar por melhorias de trabalho! Ele é um sujeito carregado de sentimentos, sentidos e subjetividades e é isso que o define!

8. CONCLUSÃO

O estudo sobre trabalho dos garis traz reflexões sobre uma classe de trabalho de marginalizado pela sociedade. Costa (2002) ressalta tal aspecto, salientando as condições de trabalho e atos de preconceito as quais os garis estão expostos e que não influencia apenas em seus labores, mas também diretamente como pessoa.

O fenômeno da invisibilidade social assim como o preconceito provoca no ser humano sentimentos de indiferença, discriminação e sentimento de humilhação. Verificou-se com essa pesquisa que a invisibilidade social o preconceito e falta de

políticas públicas está presente na vida dos garis e que os mesmos reconhecem que sua presença só é notada quando deixam de cumprir seu serviço, visto apenas como ferramentas, ou seja, são invisíveis na sociedade. De acordo com a análise nota-se que as humilhações sociais fazem parte do cotidiano dos garis. O preconceito e o silenciamento foi muito enfatizado no discurso do nosso colaborador.

Deixou bem claro que as pessoas o tratam como não o conhecesse e que não sabem diferenciar o gari da pessoa, o gari parece não ser ninguém. Além da questão do preconceito ele relata a falta de interesses por parte dos gestores relacionados as condições de trabalho e que acaba adquirindo algumas estratégias de defesa para encarar a situação. Com bases nessas informações, é importante ter um olhar mais atento e respeitoso diante daqueles que estão em volta, independente de origem, classe social ou atividade profissional e que é de suma importância e necessidade não apenas enxergar o invisível, mas sim vivenciar com eles essas dificuldades, entendendo mais sobre esse universo de pouco acesso e promovendo discussões e debates relevantes sobre o tema.

Esta pesquisa possibilitou a percepção de como estes profissionais compreendem o exercício de sua profissão para a sociedade, as nuances do trabalho no modelo econômico e social atual, os dilemas com questão do preconceito e silenciamento, e invisibilidade. Contudo, gostaríamos de salientar que este estudo, embora tenha apresentado discursões importantes, não as encerra, pois, faz-se necessária realizações de outras pesquisas e a produção de outros olhares a cerca desta categoria.

REFERÊNCIAS

BILLING, M. (1986). **Racismo, prejuicio y discriminación**. In S. Moscovici. Psicologia Social II (pp.575-595). Barcelona: Paidós.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:**

uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORGES, M. E. **Tecnologias Apropriadas – Limpeza Urbana**. In Associação, dezembro, 1985

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho de 1943**. 21. ed. Vademecum. São Paulo: Rideel, 2015. (Legislação brasileira)

BRANDÃO, Carlos Alberto Gonçalves. **A produção do lixo: aspectos econômicos, ambientais e sociais**. URFN Biblioteca Setorial CCHLA, Natal, 2000;

BRASIL. **Decreto-Lei N.º 5.452, de 1º de Maio de 1943**. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Brasília: Senado Federal, 2012; . Constituição da República Federativa do Brasil.

BRASIL. Lei Federal nº 8080/09, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em Acessado em 17 Abr. 2021

BRASIL. **Decreto-Lei N 5.452, de 1 de Maio de 1943**. Aprova a Consolidação das leis do trabalho. Brasília: Senado Federal, 2012

COSTA, F. B. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004 Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2014.

CONSUMERS International. **Consumo Sustentável: Manual de Educação**. MMA/IDEC, Brasília: 2002. 144p.

DECRETO - **lei nº 1873/81** Dispõe sobre a concessão de adicionais de Insalubridade e de periculosidade aos servidores públicos federais, e dá outras providências de 1981. 21.ed. Vademecum. São Paulo: Rideel, 2015. (Legislação brasileira)

ESTATUTO dos servidores; jornal oficial de Campo Grande; poder legislativo; ano VII, nº 321; Lei nº 314/2015, 30 de dezembro de 2015; estado do Rio Grande do Norte; Campo Grande/RN.

EDUFRN; São Paulo: **Paulus, 2010.** (Coleção Pesquisa (auto)biográfica Educação. Clássicos das Histórias de Vida.

EIGENHEER, Emílio. **Lixo: a limpeza urbana através dos tempos.** Porto Alegre, Gráfica Pallotti, 2009

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico.** In: NÓVOA, Antônio;

FINGER, Matias (Orgs.). O método (auto)biográfico e a formação. Natal, RN: ELÜDKE,

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bv000219.pdf>

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Revista Educação, ano 2007, p. 413-438, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência e vida e formação.** 2º Ed. revista e ampl. Natal,

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2002.

MENGA; ANDRÉ, Marli.: **abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 2015. DUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a Formação.** Natal,

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da. (Orgs).

Intervenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação. Cultura Acadêmica, São Paulo, 2010.

SAVIANI, Demerval. **A nova lei da educação – LDB: trajetória, limites e perspectivas.** Campinas: Autores Associados, 1998.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Origens dos Garis**, disponível

SILVA, Wellington. **Foucault e indigência- as formas de silenciamento e invisibilização dos sujeitos.** 2015

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Karl Max. **Ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1967.



funcionárias públicas do município de Campo Grande /RN; profissionais GARI

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

QUESTIONÁRIO

1°Voce poderia falar um pouco sobre quais experiências e/ou marcaram na sua profissão?

2°Em que momentos você percebeu atos preconceituosos contra você devido sua profissão (pode ser um serviço ou não)?

3°Voce se sente silenciado? em que momento percebeu isso? por que?

4° Como você acredita que as pessoas lhe veem quanto gari? como você desejaria ser visto? como podemos mudar isso?

5° O que lhe motivou a cursar um nível superior? você acredita que mudou em alguma coisa pessoalmente ou profissionalmente?